

«... a 24 de Novembro de 1663, Otto von Rilke de Langenau/  
Gränitz e Ziegra/ foi investido em Linda da parte do feudo do  
mesmo nome deixado por seu irmão Christoph, morto na  
Hungria; mas teve que passar declaração/ segundo a qual a in-  
vestidura seria considerada nula/ caso seu irmão Christoph  
voltasse (o qual, conforme certidão de óbito apresentada,  
morreu como alferes da Companhia do Barão de Pirovano, do  
Regimento a cavalo Heyster, de sua Majestade o Imperador  
da Áustria...»)»

Cavalgar, cavalgar, cavalgar, todo o dia, toda a noite, todo o dia.

Cavalgar, cavalgar, cavalgar.

E o ânimo está tão cansado e é tão grande a saudade. Já se não avistam os montes, mal se vê uma árvore. Nada ousa erguer-se. Estranhas cabanas encolhem-se sedentas à beira de poços pantanosos. Nem uma torre em parte alguma. E sempre a mesma paisagem. Dois olhos são de mais. Só à noite por vezes julgamos conhecer o caminho. Talvez estejamos durante a noite a refazer o trecho de caminho que, debaixo deste sol estrangeiro, a custo conquistámos. Pode ser. O sol é pesado, como entre nós no pino do Verão. Mas foi no Verão que nos despedimos. Os vestidos das mulheres brilhavam longamente por entre o verde. E há já muito que cavalgamos. Deve, pois, ser Outono. Pelo menos lá, onde mulheres tristes sabem de nós.

O de Langenau agita-se na sela e diz: «Senhor Marquês...»

O seu vizinho, o pequeno e elegante francês, falou e riu durante três dias. Agora já não sabe mais nada. É como uma criança, que quisesse dormir. O pó cobre-lhe o colarinho fino de renda; mas ele nem repara. Murcha a pouco e pouco sobre a sua sela de veludo.

Mas o de Langenau sorri e diz: «Tendes estranhos olhos, Senhor Marquês. Sois certamente parecido com a vossa mãe...»

Então o pequeno cavaleiro floresce mais uma vez, sacode o pó do colarinho e sente-se como novo.

Alguém começa a falar da sua mãe. Um alemão, certamente. Em voz alta e devagar vai colocando as palavras: como uma donzela, ao fazer um ramo, tenta, pensativa, flor após flor, sem saber ainda o que no fim vai sair... assim vai ele juntando as palavras. Com alegria? Com pesar? Todos escutam atentamente. Param até de cuspir. Porque todos são cavalheiros que sabem como comportar-se. E quem, na companhia, não sabe alemão, começa a entendê-lo, sente palavras soltas: «Ao anoitecer...» «Era pequeno...»

E estão todos perto uns dos outros, estes senhores que vêm de França e da Borgonha, dos Países Baixos, dos vales da Caríntia, dos castelos da Boémia e do Imperador Leopold. Pois o que aquele vai contando, também eles o sentiram, e da mesma maneira. Como se houvesse uma só mãe...